

Dificuldades³⁶ para importar crescerão

Arquivo

Romualdo Barros

A Cacex vai aumentar o "rigor seletivo" no exame das guias de importação, expediente utilizado para, ao lado da diminuição das compras de petróleo, reduzir em 10 bilhões de dólares o dispêndio de divisas com mercadorias estrangeiras nesta década. Isso tem levado ao desespero muitos empresários, obrigados a esperar 7 dias úteis pela tramitação burocrática de seu pedido e até 2 meses para receber a mercadoria do exterior, amargando o prejuízo da máquina parada, quando se trata de peça para reparo.

"Estamos praticando uma política de superávit nefasta, que tem que ser substituída por uma política de comércio exterior" — afirma o presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Abece) e da trading company BMI — Brasil Marketing Internacional, Paulo Manoel Protásio. Em sua opinião, a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) foi escolhida para ser a "porteira" do país, arrancando saldos positivos na balança comercial através da contenção crescente das importações, em lugar de apoiar o esforço da iniciativa privada para aumentar as exportações.

Queda programada

O Brasil faz comércio com 176 países. E segundo os registros da Cacex, cerca de 25 mil importadores e exportadores estão habilitados a comprar 7 mil 398 itens e a vender 6 mil 652. O pico das importações ocorreu em 1980, quando entraram no país mercadorias estrangeiras no valor de 23 bilhões de dólares, aproximadamente. As exportações, nesse ano, ficaram em torno de 20 bilhões de dólares, com a balança comercial registrando déficit da ordem de 3 bilhões de dólares.

Em 1986, as projeções indicam que as importações ficarão entre 12 bilhões 800 milhões de dólares e 13 bilhões (menos 10 bilhões de dólares do que o patamar alcançado em 1980), e as exportações, entre 22 bilhões de dólares e 23 bilhões, com superávit em torno de 9 bilhões 500 milhões de dólares. Para 1987, a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior trabalha com estimativas de 22 bilhões 800 milhões de dólares na exportação e 12 bilhões 800 milhões de dólares na importação, acreditando num superávit de 10 bilhões de dólares.

Mas o secretário geral da Fundação, economista Elcio Costa Couto, adverte: "Qualquer contenção maior das importações vai gerar retaliações contra o Brasil. O saldo na balança comercial tem que ser construído através da exportação crescente. A questão é como fazer isso sem sacrificar o mercado interno." Ele acha que não faltarão produtos básicos — o Brasil deve colher mais café e soja e produzir mais açúcar —, mas tem dúvidas sobre os manufaturados, inclusive porque o comércio registra aumento nas vendas de até 30%.

Hugo de Castro Faria, pesquisador da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, trabalhou na análise das variáveis e concluiu que o reescalamento da dívida externa brasileira é a grande questão que se coloca para 1987: do resultado das negociações com a comunidade financeira internacional vai depender, em grande parte, o futuro político, econômico e social do país. Para Hugo, "é dentro deste contexto que a política de comércio exterior adquire contornos cada vez mais relevantes, porque o desempenho da balança comercial é que servirá de sinalizador para o ingresso de dinheiro novo".

Em 1987 sua estimativa é de que as importações globais se mantenham nos mesmos níveis de 1986, "sem prejuízo para o crescimento pretendido da economia: serão gastos 3 bilhões 200 milhões de dólares com o petróleo, 250 milhões com o trigo e 350 milhões com produtos agropecuários não-tradicionais". As demais necessidades do setor produtivo seriam atendidas com 9 bilhões de dólares, o



Protásio (E) quer mais exportação e Elcio (C) acha que não há o que cortar, mas Fendt (D) aumentou a burocracia na importação

Exportações brasileiras

	1985 (jan/nov.)	1986	US\$ milhões	
Discriminação			1986	1987
Básicos	8.542	6.893	7.300	7.500
Semimanufaturados	2.765	2.361	2.500	2.600
Manufaturados	14.050	11.653	12.330	12.500
Industrializados	16.815	14.014	14.830	15.100
Oper. Especiais	282	158	170	200
Total Geral	25.639	21.064	22.300	22.800
e: estimativa				

Fontes: CACEX, Funcex

Importações brasileiras

	1985 (jan/nov.)	1986	US\$ milhões	
Discriminação			1986	1987
Petróleo	5.418	2.518	2.900	3.200
Trigo	591	232	250	250
Produtos agropecuários não tradicionais	285	1.500	1.650	350
Demais	6.879	7.419	8.000	9.000
Total Geral	13.153	11.669	12.800	12.800
e: estimativa				

Fontes: Cief; CACEX/MF; Funcex

que representaria uma taxa de incremento de 12% sobre 1986, "mais do que suficiente para manter um índice de crescimento do PIB da ordem de 4% a 5%" — na opinião do economista Hugo de Castro Faria.

O diretor da Cacex, economista Roberto Fendt Jr, por sua vez, preferiu novamente ficar com o certo (a contenção das importações) a se arriscar no duvidoso (a expansão das exportações) dentro da política governamental de fazer superávit para atender ao serviço da dívida externa. Para tanto baixou o Comunicado nº 170, ampliando o controle sobre as compras no exterior. Agora, todos os interessados em importar terão que apresentar, este mês, seu programa. No ano passado estavam livres dessa formalidade as importações que não ultrapassassem os 50 mil dólares anuais, o que contemplava 40% dos interessados — segundo o porta-voz da Cacex, Sérgio Ribas, que cunhou a expressão "rigor seletivo", eufemismo para ocultar a burocracia que gera mais de 2 mil empregos no Banco do Brasil.

Na agência da Cacex no Rio trabalham 210 funcionários do Banco do Brasil, 96 a menos do que a dotação, com 80 atendendo à exportação e 130 à importação. Em São Paulo, onde a dotação é de 478 funcionários, há 375 trabalhando, sendo 257 na exportação e 118 para atender à importação.

A rotina de processamento dos pedidos de guia de importação, elaborado pela agência da Cacex no Rio, admite que a tramitação burocrática normal "dispenderá 7 dias úteis, não só pela passagem por diversos setores, como também pelo número de funcionários envolvidos em cada etapa". O Comunicado nº 133 da Cacex, que trata das "normas administrativas que orientam as importações", tem 122 páginas. É nele que os funcionários buscam orientação, para saber que estão "temporariamente suspen-

das" as compras no exterior de psicotrópicos, automóveis, iates, herbicidas como o agente laranja, e produtos da África do Sul.

Apesar disso, no ano passado, entraram no Brasil de chapinha para cerveja à manteiga, atendendo às carências de matérias-primas industriais e produtos destinados ao abastecimento da população, em decorrência do Plano Cruzado.

Em sua defesa, o pessoal da Cacex lembra que o "rigor seletivo" foi imposto pelo choque do petróleo, em 1973, pela crise cambial de 1982, e ampliado à medida em que o governo lançou mão do superávit para administrar o serviço da dívida externa.

Administrando programa de importação da ordem de 100 mil dólares anuais, Nelson Pamplona, diretor do estaleiro de reparo naval Enavi, chama atenção para a perda de divisas quando, por falta de peças estrangeiras, os armadores levam seus navios para fazer todo o conserto lá fora. Ele defende um sistema menos burocratizante, que permita a entrada das peças no país com a formalização da guia a posteriori. O custo de um navio pode ser superior a 5 mil dólares/dia, e a Enavi chega a esperar 60 dias por uma peça importada para atender aos armadores.

O almirante Luis Fernando Neto Machado, presidente de um grupo de empresas que operam 57 rebocadores, entre as quais a Saveiros Camuyranó, acha que este ano vai precisar importar uns 150 mil dólares de peças para manter funcionando os motores das embarcações, feitas em estaleiros nacionais. "O processo de importação é lento, a legislação conflitante" — diz ele. Sua esperança repousa em outra estrutura burocrática, a da Superintendência Nacional da Marinha Mercante (Sunaman) que começa a se mover para ajudar a salvar as guias de importação dos empresários que naufragam nas gavetas da Cacex.